



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 29 DE NOVEMBRO DE 1995

Ilustre Ministro Veloso, Presidente do Superior Tribunal Eleitoral e Membro do Supremo Tribunal Federal, que nos dá a honra da companhia nesta tarde; Ministro José Serra, que é o anfitrião da Comissão que se instaura; Professora Elza Berquó, minha amiga e eminente Demógrafa e pessoa de pensamento e ação; Senhores Ministros que aqui se encontram; Senhores Membros da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento; Senhoras e Senhores,

Depois de ter ouvido as palavras da Professora Elza Berquó, tão adequadas, mostrando o escopo desta Comissão e as responsabilidades dela e também as nossas para enfrentarmos juntos os desafios do Brasil contemporâneo; e a palavra do mais recente demógrafo, que eu não sabia que tinha aqui no gabinete, que é o Ministro José Serra, que hoje virou engenheiro e demógrafo, acho que tenho muito pouco a dizer. Mas não queria deixar de expressar a minha satisfação por nós termos organizado esta Comissão e, por ela, termos encontrado acolhida no Ministério do Planejamento e Orçamento, no qual, como já aqui foi salientado, haverá uma cooperação muito direta tanto com o IBGE

quanto com o Ipea, que são órgãos essenciais para que os trabalhos sobre população e desenvolvimento possam ir adiante.

Acho mesmo que, dado o impulso que o Ministro José Serra está dando a esses dois órgãos e, notadamente, as oportunidades que teremos, brevemente, a partir de um censo rural que está por realizar-se, de, quem sabe, ampliar um pouco mais o escopo desse censo, acho mesmo, portanto, que, a partir dessa possibilidade, a interação com essa Comissão poderá ser útil. Porque, embora os grandes problemas demográficos já tenham sido detectados no Brasil – e, como disse com propriedade o Ministro Serra, até mesmo se antecipando ao conhecimento elaborado em outros setores do nosso mundo científico –, embora nós já saibamos, portanto, a forma de transição demográfica, até muito rápida, que a nossa população tomou e saibamos o peso relativo dos mais jovens, dos mais velhos, o que vai acontecer com a evolução dessas proporções relativas desses diversos segmentos ou cortes de idade; embora nós saibamos, também, os efeitos disso tudo sobre o dispêndio na saúde, na educação, o planejamento que derivará de uma compreensão mais exata do problema demográfico, é verdade que ainda nos falta conhecer muita coisa.

Falta conhecer muita coisa no terreno demográfico, no terreno da inter-relação entre desenvolvimento e demografia. E eu creio e espero que da cooperação com essa nova Comissão seja possível reorientar alguns dos nossos estudos e, sobretudo, enriquecer a matriz de dados disponíveis no Brasil.

Acredito que houve uma certa perda de capacidade analítica. E, por razões que não cabe agora estarmos aqui ressaltando, é necessário dar um novo impulso a esses estudos, tanto demográficos quanto econômicos.

E me apraz verificar que, efetivamente, depois da Conferência do Cairo, eu acompanhei – na ocasião, eu creio que era Ministro do Exterior, não tenho muita certeza –, acompanhei o que acontecia e sei da mudança sensível, que a Professora Berquó mencionou, aqui, na orientação dessas novas linhas de pensamento demográfico; a integração não só com o econômico, mas também com a cidadania, com a justiça, com questões que são candentes, como a da mulher, da saúde da mu-

lher, dos direitos reprodutivos, enfim, um novo espírito que bafeja hoje todo esse setor da atividade humana na área da demografia.

Muito diferente a reunião de Bucareste do que foi anteriormente a do México: naquela, sem dúvida, se começava a trilhar caminhos que tinham que ser trilhados. Mas nós, hoje, já temos uma noção muito mais completa do que sejam os desafios a enfrentar, pela demografia.

No caso específico nosso, do Brasil, eu creio que é preciso analisar ainda com mais profundidade os fluxos migratórios que estão ocorrendo, até mesmo o migratório para o exterior, que hoje já tem um peso grande no Brasil. Nós já temos, não sei quantos, mais de 1 milhão, talvez, de brasileiros – seguramente mais – vivendo não só na América Latina, no Paraguai, na Argentina, em que recentemente houve uma expansão de fronteira, mas sobretudo no Japão, onde há cerca de 160 mil brasileiros, e nos Estados Unidos, onde devemos ter 500 mil. Enfim, nós temos que repensar o problema desses fluxos. Nós, que sempre fomos um país de imigração, somos agora, em parte, de emigração.

Isso não é nenhuma característica que assuste, porque, no mundo contemporâneo, a inter-relação é muito forte e certas profissões tornaram-se profissões planetárias.

Então, as migrações, nós temos que nos habituar a elas e talvez ver o movimento de idas e vindas, notadamente no caso dos brasileiros de origem japonesa, que vão e vêm com muita freqüência. Isso é um dado novo a ser tomado em consideração.

Portanto, acredito que é preciso aprofundar bastante essas questões e também o problema da distribuição espacial dessa população.

Eu me recordo do estudo do Professor Vilmar Faria, que aqui está, a respeito da rede urbana de São Paulo e do pouco conhecimento que nós tínhamos, alguns anos atrás, sobre o adensamento ou não dessas populações e o reconhecimento do fato de que nós não somos um país de *megacity*. Nós temos algumas *megacities*, mas nós temos uma rede muita espalhada. E o deslocamento das populações pelo espaço é essencial para nós prevermos, de uma forma mais adequada, o atendimento social e também as necessidades econômicas.

O Ministro José Serra disse, com muita propriedade e graça, fazendo referência ao que aconteceu na Inglaterra, como, em certos momentos, esses problemas demográficos foram pensados de forma, digamos, na expressão dele – o Presidente não usa essas palavras –, subversiva.

Mas o fato é que, de outro ângulo, hoje também há uma certa subversão no pensamento, a partir da análise da composição demográfica. E custa convencer muitos setores da vida política brasileira de mudanças que já ocorreram. É verdade isso, custa convencer. Custa convencer, por exemplo, nos cálculos da Previdência Social, como os cálculos atuariais, hoje, são diferentes do que foram há 30 ou 40 anos. E, se nós não tivermos uma demografia adequada, não tivermos os cálculos adequados, as projeções e análises em profundidade suficiente, dificilmente poderemos avançar nessa matéria. Portanto, há muitos motivos para nos regozijarmos com este encontro.

Mas eu não queria terminar – depois de ter feito simplesmente algumas considerações para eu próprio me sentir mais próximo dos demógrafos e precisando aprender cada vez mais – sem dizer uma palavra especial sobre a Professora Elza Berquó, que, realmente, tem tido um papel marcante nos estudos de demografia, nos estudos de estatística. Em épocas bastante mais difíceis, quando nós estávamos instalados não assim, dessa maneira, mas modestamente, numa casa da Rua Bahia, em São Paulo, quando quase não dispúnhamos de recursos para fazer pesquisa, ela fez muitas pesquisas importantes e nos ajudou a nós, economistas, no caso do Serra, e sociólogos, como eu, a tomarmos em consideração os fatores demográficos, não é? E nós descobrimos, talvez, um mundo para nós bastante distante, que era um mundo em que as taxas de fecundidade, as esperanças de vida, tudo isso era uma coisa muito abstrata, e passou a ser para nós algo importante, até mesmo no nosso cotidiano de reflexão.

E a Elza chegou até mesmo a levar-me à audácia de seguir um curso de estatística – em que eu não aprendi nada, não por culpa dela, mas minha – dela e do Professor Boudon. E até o Giannotti, que é filósofo metido a matemático, seguia o Professor Boudon, que vinha com umas

estatísticas difícilimas. E nós nunca conseguimos... Ele, sim, parece que sabe bastante. Não sabe?

Mas eu posso garantir que, pelo menos, o esforço foi feito, da minha parte. Eu não fiz engenharia, tinha uma enorme dificuldade. E a Elza tinha aquela paciência incrível de uma pessoa que tem, realmente, a vocação para se dedicar ao conhecimento e tem, sempre, aquela atitude generosa, divergente – não posso espalhar para lá, porque o Paulo Paiva, esse sabe –, como nós, e acreditar que gente como nós, um dia, vai ser capaz, efetivamente, de se aprofundar mais na estatística e na demografia.

De modo que é para mim, hoje, como Presidente da República, um gosto enorme, imenso, de poder contar com você aqui ao nosso lado. E tenho certeza de que essa ajuda, como a ajuda de todos os companheiros que aqui estão, de todos os representantes dos vários ramos que se ocupam com a demografia, e membros da sociedade civil, será enorme. Isso, para nós, é realmente um motivo de alegria e um estímulo para que possamos, realmente, continuar a trabalhar pelo Brasil.

Muito obrigado aos senhores.